



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

25 de Setembro de 1999 • Ano LVI - N.º 1449
Preço 40500 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

África A Porta Aberta

A PORTA ABERTA que somos e que em nossas Casas europeias tantas vezes constitui motivo de cansaço e de preocupação, também aqui, por motivos bem diferentes, até diametralmente opostos, o é.

Lá o ano passado, em Benguela, tivera tal experiência. E deixei a Padre Manuel António a recomendação de vedar quanto possível, ao menos aquela rota constantemente percorrida por multidões que passam da Senhora da Graça para a cidade ou simplesmente vêm a nossa Casa, cada um com a sua «preocupação» em busca de resposta que a extinga. Só que não é possível secar o mar imenso feito destas gotas de «preocupação», com uns pózitos de fuba ou de leite, um dedal-zito de óleo ou uns grãos de milho, que naquele dia vão iludir a fome e amanhã a deixam ressurgir com a violência de uma necessidade primária! Tudo é grande nesta terra grande menos as fontes que saciam direitos fundamentais. Estas, ou secas ou gotejando apenas — figuradas pelas pequeninas lavras (nem essas, às vezes, ao alcance do povo!), que me recordam as hortinhas pessoais que, em nossas Casas, alguns rapa-

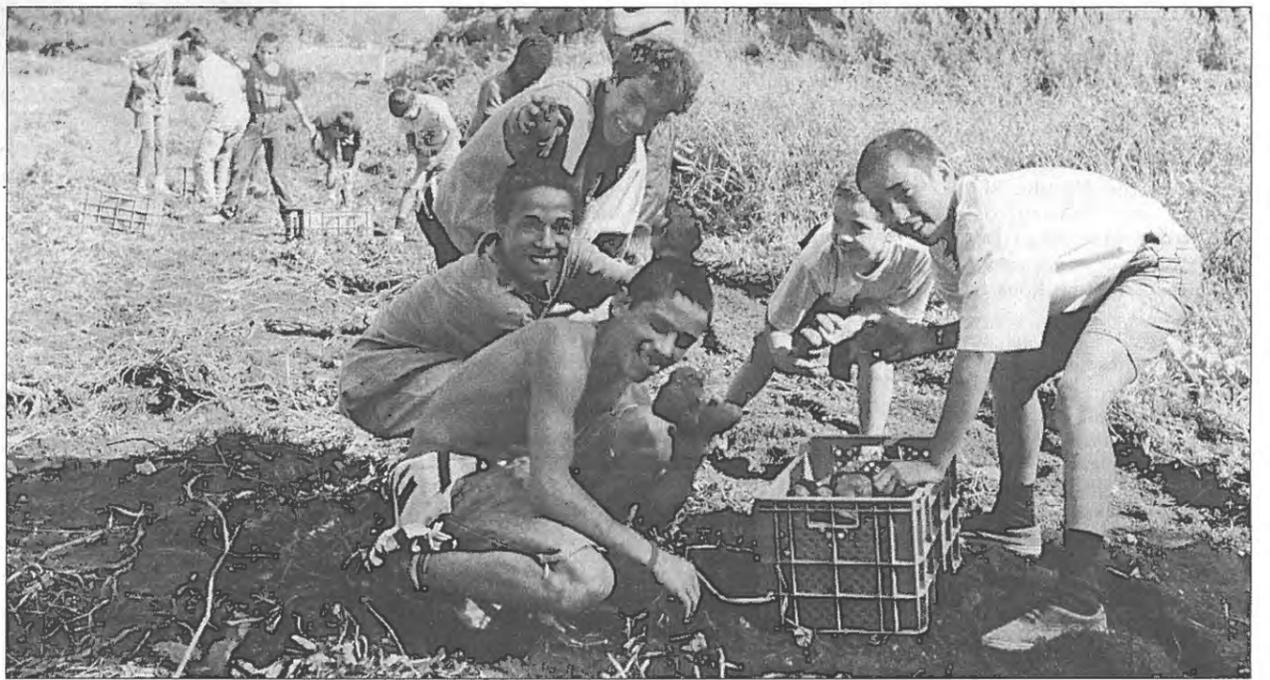
zes gostam de fazer por hobby.

Em Malanje, na Casa do Gaiato, também não há muros nem portões. Padre Telmo quando regressar deste brevíssimo mês e meio de ausência vai ficar espantado com a cidade de mini-palhotas que, desde o Controlo à nossa entrada, foi levantada. São centos delas e milhares os que as habitam, se habitação se pode chamar àquilo... Gente deslocada de muitas terras da Província de onde a guerra a expulsou com os farrapos que tinham vestidos e um tachito, ou lata fazendo de tal, por utensílios.

Muito tempo tivemos a boa vizinhança de Aldeias com a sua população estabilizada, famílias e trabalho organizados, tradições e cultura respeitáveis — onde se respirava dignidade. Ainda agora me foi dado experimentá-lo quando das Missas dominicais que celebri com as Comunidades de Camizage, de Bambi e de Bumba. E dei graças a Deus. E pedi-Lhe que as conservasse imunes.

Mas desta pobre gente, acossada por tanto infortúnio, mergulhada naquele caos, que se pode esperar?...

Apoiados pela CARITAS diocesana, as Irmãs Merce-



A alegria do trabalho espelhada no rosto dos gaiatos

dárias que vivem junto a nós e os nossos rapazes escuteiros (os escuteiros em Malanje foram mobilizados para esta e outras acções «vicentinas» — que bom!), estão levantando no Culamuxito uma cozinha para algum remedeio, ao menos de crianças e velhinhos. Entretanto, já se serve todos os dias uma refeição à entrada do nosso campo de futebol. O que chegou para eu entender como é necessária a estrutura física de tal cozinha, com seu recinto fechado e uma porta de acesso controlada, senão... Senão, é o alvoroço e a desordem que ora reinam!

A fome é má conselheira. E sofrida com a gravidade

que aqui tem, desumaniza. Se até há mães famintas que comem, esquecidas dos filhos famintos a seu lado — como não há-de acontecer, sem o estímulo destas entranhas, que tantos lutem por ser servidos duas vezes à beira de outros que ainda o não foram nenhuma?! Os nossos escuteiros têm sido uns heróis e eu levo deles uma recordação feliz e de grande apreço. Mas não há

dúvida de que urge a estrutura da cozinha a funcionar. Quem dera a paz, depressa, antes que estes deslocados percamos o seu aprumo natural, a sua dignidade humana — o que acontecerá célere se eles não puderem regressar às suas terras de origem, à estabilidade e à suficiência essenciais ao homem!

Ai deles!... e também da nossa Comunidade!, que,

sem muros, sem portão, sem guarda (Porta Aberta, como todas as Casas do Gaiato) se encontrará, como está sendo, invadida por gente que tem motivos: a vida por que lutar — e não tem capacidade para compreender que também nós a não temos para solucionar a dimensão imensa dos seus problemas. Só a Paz!

Padre Carlos

MALANJE

Escrevo num alto de Trás-os-Montes

HABITUADO aos tiros da guerra, estremeço de pasmo quando rebentam os foguetes. Ele é nas aldeias mais simples; nos santuários e romarias; nos vales e nos montes; festas dos padroeiros e Comunhões solenes. «Milhões e milhões de escudos só neste Minho!» — me disse alguém.

Celebrar com alegria as nossas festas — é bom; a loucura dos excessos, não.

Milhares de contos numa aldeia de Braga para celebrar as primeiras Comunhões! Que relação entre a primeira Comunhão dum angelica criança e a brutalidade dos estrondos?! Não vejo.

Belo seria juntar o óbolo e levar as crianças a gestos de ajuda aos mais pobres ou a obras sociais.

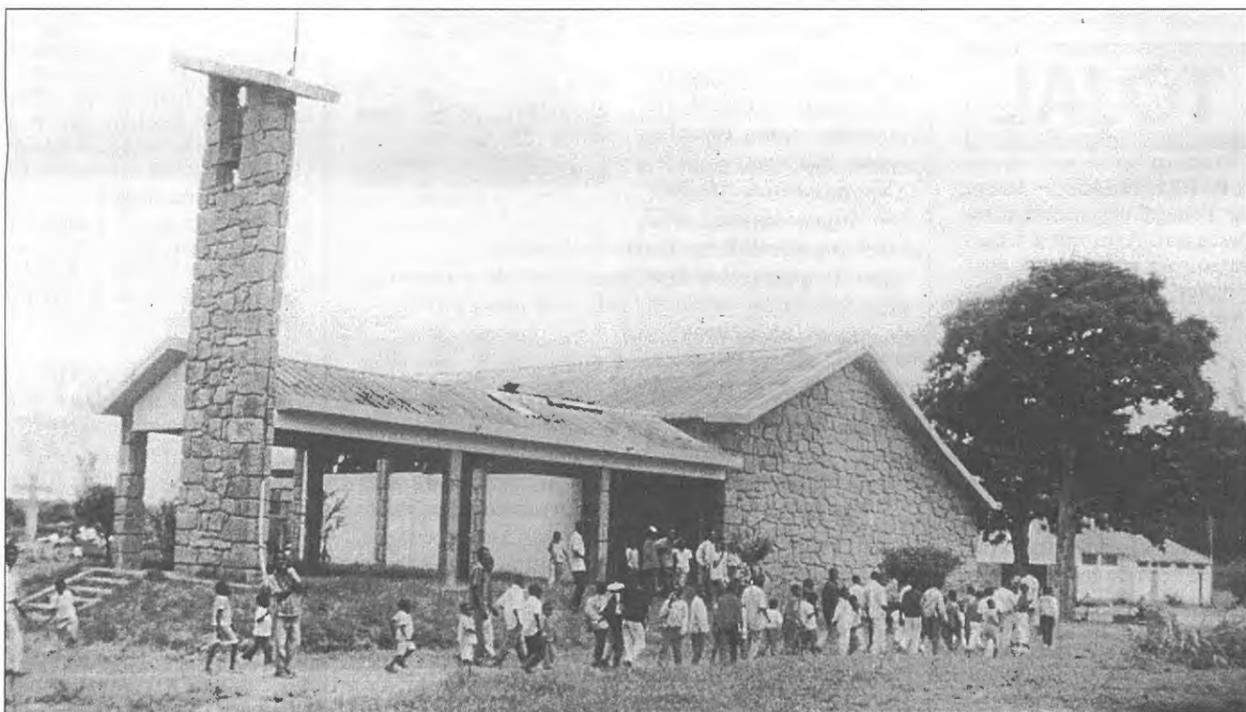
Quantos banquetes, festas estrondosas, embalagem frenética das discotecas, ter tudo e gozar a vida...

Na manhã do novo dia vamos no carro que ainda não pagámos, felizes e contentes, comprar melões da Espanha, arroz da Itália e morangos da «Patagónia».

Estou escrevendo num alto de Trás-os-Montes, deslumbrado com a visão dos restolhos dourados, numa encosta de oliveiras e outra de castanheiros frondosos! Quem passa anos fora das suas raízes sente mais amor aos seus montes, pedras e vales.

Portugal é tão bonito! Sinto, porém, que ainda não nos encontrámos e andamos à procura do caminho. Talvez a palha dos restolhos nos indique a vereda que lá conduz.

Padre Telmo



A Capela da Casa do Gaiato de Malanje

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ANALFABETISMO — No Dia Internacional da Alfabetização registámos algumas notas publicadas sobre este tema e chegámos à conclusão de que há, no Mundo, 880 milhões de analfabetos! Número que envergonha o próprio Mundo: dois terços de mulheres e 120 milhões de crianças.

Entre 1970 e 1990 a percentagem de adultos diminuiu para um quarto e «as projecções apontam para que desça para menos de um quinto, no princípio do novo milénio».

Há 10% de cidadãos portugueses que não sabem ler nem escrever — uma das maiores taxas da Europa. Nem só o nosso País está mal: um quinto dos ingleses não é capaz de consultar as listas do serviço telefónico...

O Ensino Recorrente tem aliviado, um pouquinho, as nossas carências. Todavia, leva-nos a afirmar que seria bom motivar as populações ainda mais, especialmente as do meio rural. Hoje não falta com quê...!

PARTILHA — Uma valiosa ajuda, da assinante 32517, de Lisboa, «para os remédios dos Pobres. Ultimamente tenho sido doente e vejo os preços dos medicamentos...!»

Cinco mil, da assinante 47526, de V. N. Famalicão. O costume, «de 'uma portuense qualquer', referente aos meses de Setembro a Dezembro». Outra mensalidade, da assinante 31254 de Fiães (Feira), cuja missiva traz um pensamento de Ghandi: «A amizade em todo o mundo, eis o meu objectivo». Mais outra, do assinante 32986, do Porto, «a procurar suprir algumas necessidades dos Pobres». São tantas!

Assinante 57002, da Senhora da Hora: «O pequeno contributo do mês de Setembro que poderão distribuir como melhor entenderem. (...) O Senhor nos ajude a libertar do nosso egoísmo, que tantas vezes nos impede de ouvir as vozes daqueles que tanto precisam».

Um donativo da assinante 35016 que, o mês passado, completou «quarenta anos de Matrimónio. Saberão distribuí-lo ou aplicá-lo no que for mais necessário. Infelizmente, o que há mais são necessidades prementes» — disse.

Presença da assinante 43689, do Estoril, recorda os pais e sogros «que há muito nos deixaram». Outra, da assinante 56094, de Queluz, «lembrando o país onde nasci: Moçambique». Mais outra, em vale do correio, da assinante 8195, de Lisboa. A assinante 58243, do Porto, pede «uma oração pelo marido» que faleceu. Cumprimos.

Assinante 14493, do Porto, com a habitual contribuição.

Mais um óbolo, da assinante 70776, de Rio Tinto, «para ajudar nas despesas dos medicamentos; do caso que referiram oportunamente, ou de outro igualmente necessitado». Cinco mil, do assinante 11373, lembrando a esposa, que Deus haja. O costume, de há muitos anos, pela mão da assinante 5963, de Paço de Arcos: «partilha de Maio/Junho 99». Dez mil, do casal-assinante 11856, do Porto. O dobro, do assinante 20909, de Leça da Palmeira, e mais dez, de suas colegas.

A assinante 31104, de Lisboa, com sua oferta mensal — de há muitos anos: «Quem deseja ajudar o Próximo, por que o seu coração assim lho pede, não deve deixar de o fazer, mesmo que tenha de alterar o seu orçamento, cortando aqui para acudir além. Não é preciso ter muito para dar».

Outros dez, «para alguma receita dos Pobres» — da assinante 20565, de Carvoeiro — Lagoas.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINHA — A maior parte das uvas estão quase maduras. Dentro de dias serão vindimadas. Contamos com uma boa colheita, se Deus quiser.

MILHO — Está muito bonito e bem crescido! Quase pronto para ser ensilado. Destina-se à alimentação do gado.



Susana e Vítor («Andorinha»), que foi da comunidade de Paço de Sousa.

FRUTA — Está a ficar madura, também. É pena que a malta já ande a petiscá-la...!

SECA — A bica da nossa avenida está quase a secar! Ela é muito boa, muito fresca. Gostamos todos de a beber. Até as pessoas de fora, os nossos visitantes, levam garrações para a consumirem nas suas casas.

ANO ESCOLAR — Não tarda a começar. Os rapazes estão contentes e ansiosos porque desejam ver os novos professores e aprender coisas novas. Refiro-me ao ensino básico, escola primária e tele-escola.

A malta que frequenta o ensino secundário e o profissional prepara-se, também, para seguir rumo ao Porto. O nosso Lar é na Rua D. João IV, 682.

Carlos Manuel («Teco»)

GADO — Temos pouca sorte com o gado! Já morreu outro vitelo e os restantes não estão grande coisa.

CAPOEIRAS — Temos muitos ovos e boas poedeiras. Abatemos vinte e sete coelhos para a nossa alimentação. E temos mais deles para nascer.

FUTEBOL — Vai começar a nova época. Esperamos que seja melhor do que a anterior.

A nível de secretaria e educação física a coisa vai de vento em pópa!

TIMOR — Em Timor anda uma grande guerra e matam muita gente!

Também estão a morrer à fome e muitos a serem assassinados!

Na Casa do Gaiato de Paço de Sousa nós pedimos paz para Timor.

Nós temos que pedir para parar a guerra, para não matarem mais ninguém. Queremos paz para Timor.

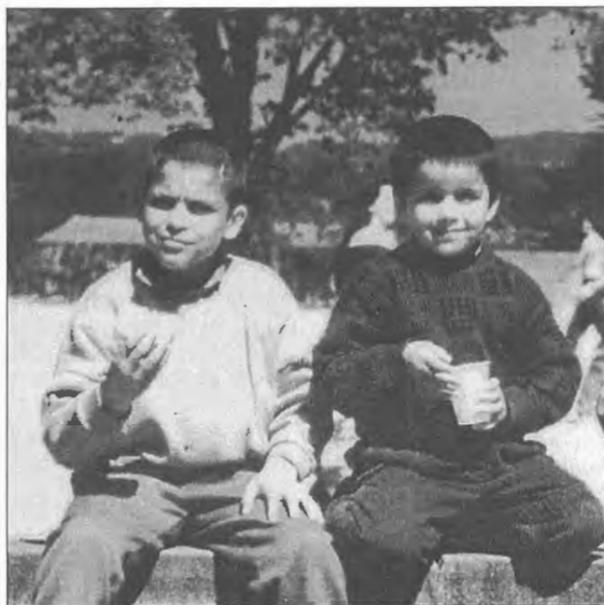
Filipe («David»)

TOJAL

PADRE TELMO — Esteve em Portugal durante um mês a descansar. Aproveitou o descanso para preparar dois contentores com produtos alimentares, e outros, úteis à Casa do Gaiato de Malanje. Como não podia deixar de ser, esteve alguns dias aqui, na Casa do Gaiato do Tojal.

CARAS NOVAS — Recebemos mais dois: o Vítor e o Gonçalo. Esperamos que se adaptem ao estilo de vida — que aqui vão encontrar.

CASAMENTO — É a terceira vez, este ano, que a nossa Casa se encheu de alegria para testemunharmos a criação de mais uma família. Desta vez, de Carlos e a Céu.



Numa hora de lazer, comem a merenda no muro do campo de futebol.

Ele permaneceu no seio da nossa família durante dezasseis anos; e a Céu, por curiosidade, é filha de um antigo gaiato.

Foi outro dia de festa rija! Os rapazes e muitas pessoas amigas dos noivos esmeraram-se para que tudo estivesse pronto, e a tempo, para que tudo corresse bem.

Que eles possam ser um testemunho vivo de uma família sã e exemplo para outros que, amanhã, pensem construir o seu lar.

AGRADECIMENTO — Expressamos a nossa gratidão aos Amigos que não recusaram o pedido de produtos alimentares para a nossa Casa do Gaiato de Malanje, feito pelo nosso Padre Telmo.

Arnaldo Santos

MIRANDA DO CORVO

LAR DE COIMBRA — Durante as férias de Verão foi pintado por um grupo de rapazes. Neste momento faltam ainda algumas reparações.

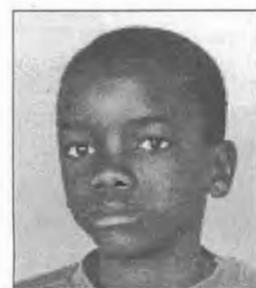
Os rapazes, que ainda não viram as obras, estão ansiosos pela mudança.

CARAS NOVAS — Recebemos mais dois: o Tiago, com nove anos, veio do Entroncamento; o outro é o Igor, com dez anos, que veio da Figueira da Foz.

Logo nos primeiros dias arranjaram muitos amigos e adaptaram-se bem ao nosso dia-a-dia.

RETALHOS DE VIDA

Malamba



Chamo-me Malamba Domingos Ferraz Feito e tenho como pseudónimo «Maloy».

Sou natural de Malanje — Angola e nasci a 27

de Março de 1984 no bairro da Maxinde.

Sou de uma pobre família, tendo sido a guerra a causadora da perda da vida dos meus pais e do aumento dos sofrimentos da minha família.

Eu atravessei muitos sofrimentos; tinha uma vida muito triste. Com 9 anos de idade fui acolhido pelas Irmãs Mercedárias de Malanje, que me ajudaram muito até 7 de Setembro de 1996, transferindo-me para a Casa do Gaiato de Malanje, o que para mim é uma grande felicidade: tenho o suficiente, a possibilidade dos estudos, muitos amigos, e descobri, na mesma Casa do Gaiato, a partir da vontade de Deus, os traços da minha verdadeira vocação.

Frequento o 8.º ano do ensino básico. E quando for grande, desejo dar continuidade à nossa Obra, à Casa do Gaiato, com a Graça de Deus.

Malamba D. Ferraz

GADO — Temos várias porcas prenhes. Os rapazes do gado devem ter o máximo de atenção e de cuidado com elas para que não surjam imprevistos.

Junto dos porcos da Índia estão três coelhinhos apanhados pelos rapazes que andavam a cortar a rama da batata.

A senhora Mabília trouxe da sua quinta uns pássaros que ofereceu e os rapazes ficaram contentes e admirados pois nunca tinham visto pássaros daqueles.

ESCOLA — Falta menos de uma semana para começarem as aulas.

Alguns já fizeram as suas apresentações na escola. Outros, estão ansiosos, é um novo ano escolar que se aproxima, e vão conhecer novos professores e amigos, e enfrentar uma nova etapa e um grande desafio ao longo deste e dos próximos anos.

Ainda há um grupo que tem de trabalhar bastante para ultrapassar as dificuldades e chegar ao seu objectivo: conseguir passar de ano.

João «Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — No momento em que escrevemos estas letras, estamos tristes com os massacres em Timor. Não há palavras para descrevermos a revolta que sentimos com o sofrimento deste povo.

O final do século XX tem sido dramático para alguns países! Vamos pedir a Deus que nos proteja e que o novo milénio seja de Paz; mas, sabemos que está nas mãos do Homem ser inteligente.

Agora, vamos falar dos nossos compromissos para com os mais carenciados. Assumimos ajudar aqueles que precisam de nós. Temos mantido a nossa palavra e continuamos a contar com a vossa ajuda nesta fase difícil. Há dificuldades financeiras, mas também há outros em piores condições, que precisam de nós.

Temos famílias que estão conosco desde o início da Conferência. Alguns já faleceram, mas, infelizmente, há muitas outras carentes.

A maior parte dos Pobres vive na zona ribeirinha do Porto, que Pai Américo visitava assiduamente. Os tempos são outros, mas a pobreza é a mesma.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — De Maria Dolores, cheques de 1.500\$00 e 1.000\$00; amiga J.R.D., 5.000\$00; Joaquim Martins, cheque de 11.000\$00; M.M., 10.000\$00; A.S.R., 5.000\$00; anónimo, idem; M. Augusta, 10.000\$00; anónimo 50.000\$00.

Obrigado pelas vossas palavras com força e carinho.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

O «Pão dos Pobres» e a ressonância dos Leitores

MURTOSA — «Já há muito tempo que não 'pago' a minha assinatura d'O GAIATO. Problemas que surgem, esquecimento, descuido — muitas vezes. Sinto-me envergonhado!

Recebo e leio sempre o Famoso. Refiro o que nele vem publicado nas reuniões em que participo. Muito, mesmo muito tenho aprendido neste Jornal que é, para mim, uma janela aberta onde se pode ver o que se passa nessa grande Obra do Padre Américo.

Nas minhas estantes ainda não há obra da vossa Editorial! Por isso, desejaria a coleção Pão dos Pobres.

Assinante 22860»

LISBOA — «Ando a reler (não sei quantas vezes!) o Pão dos Pobres. Gostava de receber a reedição do terceiro volume, pois vou para uma semana de férias com o meu marido. (...) Este ano são férias tripartidas! Mesmo assim é muito bom. Há quem não as tenha!

Assinante 3107»

PORTO — «Junto pequena quantia. Não é preciso agradecimento nem recibo, mas que m'enviem o terceiro volume do Pão dos Pobres, ora reeditado. Pelo que vou lendo e

intuindo, sei bem das vossas dificuldades e preocupações. Mas sinto, sobretudo, o quanto Deus está presente na vossa Obra, tão ao contrário do mundo, e, por isso mesmo, tão abençoada. Que Ele vos continue a abençoar e nós nos responsabilizemos mais por tudo o que deixamos de fazer.

Assinante 66002»

ODIVELAS — «Gostei de ver, n'O GAIATO, transcrições sobre a comemoração das bodas d'ouro da vossa tipografia. E, por baixo, entre parêntesis, a data dos apontamentos. Se em todos os livros de Pai Américo fosse possível indicar as datas, em citações, valorizariam essas obras.

Remeto um cheque para receber o Pão dos Pobres. Os meus parabéns por mais esta reedição e Deus vos continue a proteger.

Assinante 17705»

OLIVEIRA DE AZEMÉIS — «(...) Faço um pedido: mandem-me o terceiro volume do Pão dos Pobres, do Padre Américo, última edição. Para outra vez encomendarei o segundo, do mesmo título.

Fico grata pelo atendimento que me puderem prestar.

Assinante 43348»

RIO TINTO — «Graças a Deus que me proporcionou alguns dias de férias numa aldeia do país vizinho, tão pobre de bens materiais como rica em beleza natural.

Levei algumas das obras do Padre Américo e, no meio do sossego que me rodeava, em cada página que lia, via a notória mão de Deus a conduzir o Autor. Cada vez que fechava o livro eu dizia em jeito de oração: — Ah, grande santo, Deus fez-te crescer mais alto do que as lindas montanhas de Rio Caldo!

O mesmo pensamento vai, também, muitas vezes, para os Padres da Rua.

Espero três exemplares do livro Padre Américo — místico do nosso tempo.

Saudações fraternais.

Assinante 11345»

S. JOÃO DE VER — «Já deveria ter escrito há mais tempo, quando recebi o Padre Américo — místico do nosso tempo. Que bela lição nos dá esse livro! Tenho a

COLEÇÃO

EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

Volumes da autoria de Pai Américo:

1. PÃO DOS POBRES — 1.º volume (5.ª edição)
2. PÃO DOS POBRES — 2.º volume (5.ª edição)
3. PÃO DOS POBRES — 3.º volume (4.ª edição)
4. PÃO DOS POBRES — 4.º volume (1.ª edição)
5. OBRA DA RUA — (4.ª edição, actualizada)
6. ISTO É A CASA DO GAIATO — 1.º volume (3.ª edição)
7. ISTO É A CASA DO GAIATO — 2.º volume (2.ª edição)
8. BARREDO — (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos)
9. OVO DE COLOMBO — (2.ª edição)
10. VIAGENS — (2.ª edição — reordenada e aumentada)
11. DOUTRINA — 1.º volume (2.ª edição — aumentada)
12. DOUTRINA — 2.º volume (1.ª edição)
13. DOUTRINA — 3.º volume (1.ª edição)
14. CANTINHO DOS RAPAZES — (2.ª edição)
15. NOTAS DA QUINZENA
16. DE COMO EU FUI...
17. CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

Volumes de outros Autores:

18. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE AMÉRICO — João Evangelista Loureiro
19. CALVÁRIO (3.ª edição — reordenada e aumentada) — Padre Baptista
20. A PORTA ABERTA — PEDAGOGIA DO PADRE AMÉRICO — MÉTODOS E VIDA (2.ª edição) — Obra compilada por Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte
21. O LODO E AS ESTRELAS (3.ª edição — aumentada) — Padre Telmo Ferraz
22. ESBOÇO DE CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE AMÉRICO — Manuel Mendes
23. UM GRANDE EDUCADOR PORTUGUÊS DO SÉCULO XX — João Evangelista Loureiro
24. PADRE AMÉRICO — MÍSTICO DO NOSSO TEMPO — Padre José da Rocha Ramos

certeza de que, no Céu, pede pela sua Obra e por todos nós.

Entretanto, gostaria de receber o terceiro volume do Pão dos Pobres, recentemente editado.

Assinante 48286»

Os Leitores vão requisitando o terceiro volume do Pão dos Pobres, e outros da nossa Editorial, por carta, por telefone, por fax, por mão própria. E a nossa gente despacha as encomendas na volta do correio.

Júlio Mendes

PASSO A PASSO

Precisamos dos Pobres e de ser pobres

PRÓXIMOS que estamos de se completarem os segundos mil anos de história depois da Encarnação de Jesus Cristo, por acção daquele que neste período foi o grande Apóstolo da fraternidade, S. Francisco de Assis, vemos agora sinais evidentes da sua vida.

Ele foi eleito por muitos em diversos países, como a personagem deste milénio. Os acontecimentos recentemente vividos, cá e por todo o mundo, vêm fundamentar como foi certa esta escolha. Com tal dimensão, ainda não havia sido experimentada esta relação humana comum — *Todo o Homem é meu Irmão*. Foi no Pobre, aquele que é carente de algo que não pode obter pelos seus meios, que mais facilmente isso se descobriu. E milhões o descobriram.

Como Pai Américo dizia, o Pobre é uma alavanca da sociedade. Só no encontro com o Pobre é possível abrir fendas no orgulho que se implantou no coração dos homens. Só o Pobre é capaz de quebrar as barreiras e divisões, e unir num mesmo sentimento — dar e dar-se.

Precisamos dos Pobres. Precisamos de ser pobres para que haja mais fraternidade. Se não formos Pobres, não podemos ser evangelizados; nem evangelizar.

Como perceber e levar a perceber que é na fraqueza que se revela a Força de Deus?! Onde a coragem para nos despirmos das nossas seguranças e nos vestirmos com a força da Fé, como Francisco de Assis?

No entanto, é preciso ir ainda mais longe. Embora irmãos, não somos filhos órfãos, pois temos um Pai que é Vivo.

Padre Júlio

PAI Américo deixou dito para escrevermos como quem reza. Na verdade não consigo fazê-lo sem concentrar o pensamento em Deus com o coração em Acção de Graças. O papel recebe e transmite as palavras, mas não tão facilmente os sentimentos. Por isso, antes de escrever já subiram para Deus, há muito; e outra vez agora louvor e Acções de Graças por tudo quanto recebemos, sobretudo através das Casas do Gaiato.

A chegada dum contentor é um acontecimento muito importante nesta Casa, pelo que traz e pelo que representa. Traz a garantia de quase um ano em roupa, calçado e material escolar. Este trouxe ainda um forno de pão, que instalado na Massaca, garante sete lugares de trabalho, com o consumo só dos restos de madeira e aparas da carpintaria. Além do pão necessário, em cada dia, para as mil e tantas bocas que temos, chega para vender na povoação e em Boane. Veio um transformador eléctrico que nos garante a reposição da energia em dois dias quando algum dos outros cinco avariar. Já aconteceu três vezes e não há a quem apelar.

Mas representa tudo uma partilha da grande Família da Obra da Rua em milhares de actos de Fé e Amor cristão por aqueles a quem a Casa do Gaiato serve o melhor que pode.

Nestes últimos tempos houve ajudas muito importantes. O Ministro do Trabalho e Solidariedade Social, em visita a Moçambique,

MOÇAMBIQUE

Acção de Graças

bique, deixou um fogão grande para o Centro de Apoio de Changanane e mandou, após a visita, cinco mil contos para os salários dos nossos dezoito professores da Escola. Não foi uma visita de cortesia apenas. Não sei se conhece as Casas do Gaiato em Portugal, com quem a Solidariedade Social anda de candeias às avessas. Quis abordar o assunto, mas pareceu-me desconhecer as «cortêsias» com que alguns dos nossos Padres têm sido tratados.

Esteve entre nós, durante quinze dias de intenso trabalho, Manuel Hoyos duma Clínica Dentária de Madrid. Trouxe tudo quanto necessário para tratamento dentário. Não houve um que não tratasse. Mais feliz ficou o Carlos Vergara, que não se lembrava de ter dentes à frente. Como lhe ficam bem! Ainda foi às Irmãs dos Velhos e aos pequeninos da Madre Teresa. Antes de regressar despejou os bolsos de quanto lhe sobrou. Como no ano passado em que pela primeira vez o ocupámos o mês inteiro, ao levá-lo ao aeroporto, prevenimo-nos com o necessário para a taxa de embarque, pois nem para isso guardou.

Também o Quim Carpinteiro, antigo mestre de obras da outra Casa e agora em Paço de Sousa, veio aqui

fazer os seus sessenta e um anos, com a esposa Elisa. Comandou a operação de descarga do contentor que ele mesmo tinha carregado antes de vir; marcou com o Skol, outro antigo gaiato, os alicerces da nossa colónia de férias no Bilene; carregou para lá, durante dois meses, materiais; deu uma ajuda no amadurecimento dos mais velhos; e foi um companheiro sempre atento à nossa vida que ele, de lá, acompanha com muito interesse e amizade.

Outra ajuda extraordinária veio de uma enfermeira, Maria José, também de Espanha. Já correu nas suas férias, e durante elas, sete países de África, em trabalho. Foi aqui que deixou o seu coração preso. Quer voltar, com licença sem vencimento; e se, entretanto, conseguir, ficará a apoiar o nosso trabalho de saúde, porque é professora de enfermagem.

Falta falar da Margarida, de Aveiras de Cima, que pela segunda vez esteve entre nós. Educadora de infância, emprestada pela

sua Paróquia donde temos recebido ajuda e muita amizade do Padre António e da médica Medina.

Do Colégio do Coração de Maria, do Porto, esteve uma senhora professora com dois alunos num mês de férias e deram o seu melhor, porque em tão pouco não pode ser muito. Ainda um grupo de seminaristas da Boa Nova, duas semanas, mais três seminaristas do Seminário Maior que prometem vir dois meses nas férias grandes.

Estas presenças, que certamente são bem premeditadas, representam para nós um enriquecimento na vida da Casa, no convívio com os rapazes; além, é claro, da ajuda que prestam com o seu trabalho específico. A todos recebemos, na nossa modéstia, com muita alegria e gratidão. Mas, acima de tudo, a oração dos nossos rapazes que sobe a Deus sete vezes ao dia numa expressão justa de Acção de Graças por quanto recebemos.

Padre José Maria

PENSAMENTO

Nós aprendemos com as abelhas...

PAI AMÉRICO



Um pedaço da nossa vida — na Casa do Gaiato de Benguela.

BENGUELA

O mercado paralelo

PASSEI, ontem, pelo mercado paralelo. Levava comigo um sacerdote em visita, por alguns dias. O mercado era um formigueiro de gente, como sempre. A zona de maior movimento, em todos os dias do ano, chama ao mercado paralelo. Não gosto de ir lá. Até um dado momento, fiz o propósito de nada comprar naquele local. Não sei como é que as coisas vão lá parar... Com a preocupação de não colaborar em negócios ilícitos, pensava, tomei a decisão de não ir. A

pouco e pouco, porém, fui alterando a minha posição. Buscava os produtos necessários nas lojas normais e não encontrava. No mercado, havia. Quando encontrava o que precisava nos estabelecimentos legais, os preços eram exorbitantes. No mercado, eram muito mais baratos. Será que os produtos do mercado são roubados? Será que o custo dos mesmos produtos vendidos nas lojas e armazéns são justos? Onde está o mal maior? Onde está o mal menor? Apetece-me dizer

que a lei que regula as trocas comerciais é uma lei selvagem. Que há-de fazer o povo anónimo perante uma situação destas?

Diante do fenómeno dos mercados paralelos, penso: — Que seria da relativa segurança de que ainda gozamos se não existissem estes espaços? É gente jovem, na sua grande maioria, que frequenta estas zonas. São milhares e milhares de pessoas. Vivem e sobrevivem à custa das trocas feitas nestes lugares. É dinheiro fácil que vem

e que vai. Tudo dá para fazer negócio. A bateria do nosso gerador foi roubada, há tempos; foi apontado, de imediato, o caminho do mercado paralelo. Não chegara lá, felizmente, graças à acção inteligente e rápida do responsável pelo sector.

Falo dos mercados paralelos porque sofremos também os efeitos do ambiente que, ali, se respira. Alguns dos nossos rapazes são tentados a entrar na corrente dos negócios com coisas ilícitas. Uma parte significativa das crianças frequenta esses lugares. Os pequenos ou grandes roubos que fazem, pelas ruas, vão desaguar naquele mar. Estes filhos têm que ser heróis para não sucumbir à tentação. É necessária, da nossa parte, uma atenção constante feita de acompanhamento responsável. É um verdadeiro remar contra a corrente. Em qualquer circunstância é difícil educar. Aqui e agora há este obstáculo. Os educadores são pessoas presas. Voluntariamente presas pelos educandos. Os pais que têm filhos são amorosamente agarrados por eles.

Fui convidado, hoje, para uma festa. Era uma festa bonita. Mas não fui, porque me senti amarrado a estes filhos. Em vez de estar na festa, vim sentar-me no banco a redigir estas notas que vos ofereço como um pedaço da nossa vida. Ontem, sábado, na nossa reunião de chefes, partilhámos a alegria da visita do senhor Padre Carlos, curta mas saborosa. Bem haja.

Padre Manuel António



Na rectaguarda dum mundo de barracas vão aparecendo bairros sociais

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Aflições a pagar as rendas mensais

COM o crescimento dos blocos e bairros sociais para darem solução aos Pobres que vivem em barracas ou edifícios abarracados, eles sofrem, agora, a aflição da renda mensal da habitação que ocupam.

Embora nos pareça que as rendas, geralmente, não são exageradas, não podemos ignorar a situação económica de muitas famílias. Temos escutado e somos testemunhas de grandes aflições!

Estamos ainda a ouvir desabafos de mães, naquele bairro pobre da cidade que visitámos. Sentimos e apreciamos o bom acolhimento dos seus habitantes. Vivem mal nas

barracas, mas elas são o seu património, e no bairro camarário que irão habitar, têm que pagar renda mensal.

Há situações que bradam aos céus e os responsáveis não as ouvem e atendem: A mãe, com quatro filhos ainda crianças, analfabeta, tem de frequentar a escola para aprender a ler e a escrever e só assim pode receber o subsídio familiar. Este mês já não o recebeu. Para frequentar a escola não tem a quem entregar os filhos. Vive amargurada.

Outra, com filhos ainda pequenos, cujo marido já sofreu dois desastres, ficando deficiente, o seguro exige que ele trabalhe — mesmo sem poder!

Ainda outra, com o marido a trabalhar numa empresa de estrangeiros — raro lhe dão o devido salário para governar a família. A maior aflição desta mãe é, no fim do mês, a renda da casa do bairro que foram habitar.

Senhora inválida duma perna, a viver só com a reforma de vinte e dois mil escudos, tem de recorrer à caridade para a renda da casita do bairro onde habita.

Um casal com filhos pequenos, a ganhar somente o salário mínimo, paga, de aluguer da habitação, sessenta mil escudos mensais. Vive só com este ordenado. E para o pão de cada dia? e para o vestuário e agasalho? e

para água e luz? e para o material escolar dos filhos? e mais e mais e mais?

Conhecemos muitos casais com filhos pequenos a viver só com o ordenado de um deles. Como pode o pobre ordenado chegar para custear todas as despesas familiares?

Não sabemos que solução se há-de encontrar para estas e idênticas situações. Mas as autarquias, o Governo e as instituições criadas para este campo deverão estar atentas e encontrar resposta. Geralmente, estão ausentes e não se sentem incomodadas. É a solução mais cómoda!

Padre Horácio

DOCTRINA

A argamassa dos nossos templos é feita de Pobreza



ESCREVO estas mal notadas linhas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, onde fui de propósito ver o nosso Luciano, o pequenino larápio de Coimbra que voluntariamente se entregou agora às grades de ouro para que amanhã não seja entregue às de ferro; e fiquei mais um dia a gozar farto a vindima dos pequeninos. Da de Paço de Sousa já colheram o branco.

A vindima na Casa do Gaiato é dia assinalado. A gente só lhes dá notícia no próprio dia, por causa do delírio. Os cozinheiros omitem o prato, fazem a sopa num rufo, fecham a porta da cozinha e são vindimadores. Todos comem quanto lhes apetece. São dias sem-rei-nem-roque. É prémio do respeito que souberam dar à fruta. Até que os cestos se lavem, perdura nas nossas Casas, entre os seus habitantes, a alegria das vindimas; e eles, os cestos, nunca se lavam!

INTIMAS notícias dizem-me que esta crónica é mais escutada do que lida. Ao que vejo, a Rádio Renascença começa a ter a sua hora suspirada e a ser mirante apaixonado onde namoras o Pobre. Escuta com devoção e dilata o teu sentir! (...) Um industrial do Porto pede desculpa na demora de uma remessa de dez peças de cotim, por ter querido fazer obra especial, como ele informa pelo seu próprio punho! Só a cidade do Porto é capaz de tamanha eloquência!

ANDAMOS ocupados em Miranda do Corvo com a construção da nossa Capela. Ela devia ter nascido com a Obra, sim, mas vem da constância do mesmo matrimónio. Eu casei-me com a Obra da Rua. É um enlace fecundo, onde há partos a miúdo com muita dor e muita alegria, que a criança sempre vem viva. Tudo é vida na Obra da Rua; a nossa Capela o diz.

A construção de igrejas foi, em todos os tempos, obra de piedade que não de dinheiro. João Bosco tinha trinta réis quando começou, em Itália, a de Maria Auxiliadora. A argamassa dos nossos templos é feita de Pobreza. Tem de renunciar a tudo quem se propuser construí-los. Francisco de Assis deitou fora quanto tinha e depois começou a construir. É do Evangelho.

A nossa Capela vai com dois metros acima do solo. Os nossos pequeninos dão serventia e um deles deu cinco tostões, de um visitante que lhes dera; são os trinta réis de João Bosco! Faltam 39.999\$50, visto como a Capela foi orçada em 40 contos. Que é deles? Se do ventre de peixes saiu dinheiro de impostos a César, não é preciso ir ao mar buscar o do culto a Deus. Tens a palavra!

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)